

DESENVOLVIMENTO ADULTO ENTRE ESTUDANTES BRASILEIROS NOS EUA: EM BUSCA DE UM MODELO

Isolda de Araújo Gunter*
Hartmut Gunter*

RESUMO

As abordagens tradicionais sobre desenvolvimento humano parecem sugerir que o mesmo se encerra com a adolescência. Em contraste, o presente texto apresenta cinco teorias que enfocam desenvolvimento sobre o ponto de vista (a) de idade cronológica, (b) estágios, (c) individualidade, (d) curso de vida, e (e) transição; bem como, um modelo eclético proposto por Schlossberg (1981). Este trabalho tem por objetivo a análise das respostas a um questionário por um grupo de estudantes brasileiros cursando pós-graduação nos EUA. As perguntas se relacionaram às mudanças percebidas nas perspectivas de vida do indivíduo e a problemas de adaptação a vários aspectos da vida diária num país estrangeiro. O modelo de Schlossberg mostrou-se útil não só como um quadro de referência para conceitualizar a situação do estudante estrangeiro em termos de adaptação humana à transição, como também para apontar as diferentes fontes de stress confrontadas pelos estudantes.

Uma tendência discernível em estudos atuais sobre desenvolvimento humano põe em questão a noção de que o desenvolvimento se encerra com adolescência. Por outro lado, a posição de Hurlock que define um adulto como "um indivíduo que completou seu crescimento e está pronto para assumir seu status na sociedade" (1968) é um exemplo de teoria desenvolvimental que considera que a vida adulta pode ser adequada-

(*) Departamento de Psicologia Universidade Federal da Paraíba.

mente conceitualizada como um período de estabilidade (Stevens-Long, 1979). Em contraste, a teoria desenvolvimental atual sugere que, embora a idade adulta seja um dos períodos mais estáveis do curso de vida em humanos, isto não significa que, após a adolescência, as pessoas não mudem, ou que as mudanças desse período se processem unicamente em termos de degeneração ou regressão (Troll, 1975). Uma das noções mais difundidas atualmente é a de que, durante todo o processo das experiências de vida, ocorrem mudanças e transição e, como resultado, as pessoas se modificam, estabelecendo novos relacionamentos, comportamentos e autopercepções (Neugarten, 1968; Schlossberg, 1981). O objetivo deste artigo é o de rever algumas teorias recentes sobre desenvolvimento adulto e considerar um conjunto de dados empíricos à luz da teoria mais adequada à sua interpretação.

REVISÃO DAS TEORIAS SOBRE DESENVOLVIMENTO ADULTO

A seguir serão consideradas seis teorias que focalizam (a) idade cronológica, (b) estágios, (c) individualidade, (d) curso de vida, (e) transição, e (f) um modelo eclético proposto por Schlossberg.

A abordagem da idade cronológica é apresentada por Levinson e seus colaboradores (1977, 1978). Este grupo estudou assalariados (blue collar) e profissionais liberais entre 18 e 45 anos. Embora seus autores salientassem que não fizeram previsão antecipadamente, eles afirmam ter encontrado "uma relativa baixa variabilidade na idade em que cada período se inicia e finda" (1976, p. 318). Os autores argumentam que seus achados indicam que as transições são intimamente relacionadas à idade cronológica, questionando a noção de que o desenvolvimento adulto ocorre em fases de duração diferentes. Eles identificam alguns temas que são freqüentemente vistos em desenvolvimento adulto tais como: estrutura de vida, importância de um mentor e as polaridades jovem-velho e feminino-masculino.

A abordagem do estágio argumenta que o desenvolvimento humano segue uma seqüência invariável de estágios. Não estabelece, entretanto, uma ligação entre desenvolvimento e idade cronológica no sentido de que todos os indivíduos maturam durante os mesmos períodos. Salienta que alguns indivíduos caminham mais vagarosamente, alguns mais rapidamente, enquanto outros se tornam presos a um dado estágio, tornando a próxima mudança mais difícil. Os oito estágios do desenvolvimento psicossocial proposto por Erickson's (1963) são um exemplo dessa abordagem. Erickson considera que, à medida que o ego desenvolve, novos conflitos surgem como uma conseqüência de novas demandas que emergem da sociedade. Cada estágio é caracterizado por um conflito que o indivíduo deve resolver com sucesso e, só após resolvê-lo, terá condições de crescer psicossocialmente. Os estágios relacionados ao desenvolvimento adulto envolvem a resolução de conflito entre identidade versus difusão de papel, intimidade versus isolamento, generatividade versus estagnação, identidade do eu versus desespero. Outro teórico cuja abordagem sobre estágio é relevante para o estudo do desenvolvimento humano é Gould, que considera desenvolvimento como sendo uma luta pela liberdade dos constrangimentos internos da infância na qual ocorre uma seqüência de flutuações. Embora as "flutuações estejam sob o domínio do tempo" não são necessariamente "específicas à idade de qualquer indivíduo" (1978, p. 531). Gould argumenta que a qualquer tempo a maioria dos adultos estão "pensando" sobre algum aspecto de si próprios e que é exatamente este pensar sobre as próprias inadequações que propicia crescimento posterior.

A abordagem individual é apresentada por Naugarten (1968), que salienta a existência de variabilidade, ou como ela denomina, 'um leque de possibilidades' e chama atenção para o esforço para manter estabilidade. Ela argumenta que a individualidade se torna institucionalizada e que durante a idade adulta nós tentamos preservá-la. Um adulto é, portanto, uma pessoa que faz um esforço para manter uma identidade consistente, de tal maneira que efeitos perturbadores de mudanças ao redor do indivíduo podem ser reduzidos. Mudanças compensatórias po-

dem surgir com o objetivo de minimizar o efeito destrutivo de mudanças que ameaçam o indivíduo. De acordo com Neugarten, isto pode acontecer como consequência de alterações físicas em nosso corpo, tais como mudanças em força, bem como após "eventos de vidas significativos" (1968), como casamento, divórcio, ou menopausa. Neugarten também referiu diferenças desenvolvimentais na percepção de nós mesmos em relação ao nosso ambiente. O estudo de Grant (Vaillant, 1977) é um exemplo empírico da posição de Neugarten. Por um período de 35 anos, duzentos sujeitos foram estudados, começando do tempo em que cursavam o segundo ano de faculdade. Um resultado importante deste estudo foi a noção de que "não são os traumas isolados da infância que determinam nosso futuro, mas as qualidades dos relacionamentos que estabelecemos com outras pessoas" (p. 29). Os resultados deste estudo também sugerem que "o ciclo de vida é mais do que uma seqüência invariante de estágios com um único e previsível resultado porque a vida das pessoas são cheias de surpresas" (p. 373). Esta abordagem individual chama atenção para o fato de que o sucesso do indivíduo em se ajustar às vicissitudes da vida tende a permanecer constante no decorrer da vida.

A perspectiva do curso de vida (life-span developmental perspective) apresenta outra orientação para o estudo do desenvolvimento adulto (Baltes, 1979). Esta abordagem evita categorizações baseadas unicamente na idade cronológica, argumentando que mudanças supõem inter-relações entre vários domínios do desenvolvimento humano, tais como domínios biológico, psicológico e aspectos sociológicos. Embora os defensores desta abordagem sejam conscientes da importância da infância, eles consideram o crescimento pessoal como sendo "possível em qualquer idade e que mudanças ocorrem em cada idade" (Kalish, 1982, p. 2). Uma das preocupações desta abordagem é com a formulação de modelos que sejam apropriados para construção de uma teoria de mudanças ontogenéticas que incluam indivíduos de várias idades. O modelo apresentado por Labouvie-Vief (1980) pode ser considerado dentro desta perspectiva, embora tenha sido desenvolvido a partir de elementos

específicos do período de operações formais propostos por Piaget. Labouvie-Vief chama atenção para o fato de que, a partir da última década, tem havido uma tendência crescente em entender os conceitos de Piaget a todo o curso de vida. Menciona duas questões teóricas relacionadas a essa tendência. A primeira é a ênfase que Piaget colocou na lógica formal como estando incluída num padrão de maturidade adaptativa e questiona se esta ênfase "não garante virtualmente a observação da falha adaptativa e regressão no que deveria ser o apogeu adolescente" (1980, p. 142). A outra questão refere-se ao fato de que a aplicação do modelo de Piaget à vida adulta permite apenas um "enchimento quantitativo de conteúdo num esquema estrutural elaborado na adolescência" (p. 142), convertendo, assim, a idade adulta num período fora da consideração da investigação desenvolvimental. Para Labouvie-Vief estas duas questões representam o que ela denomina "uma interpretação estrita do papel da lógica no modelo desenvolvimental de Piaget" (p. 142). Ela argumenta que o modelo de Piaget chama atenção para a relação íntima existente entre organização estrutural e contexto. Considera que a idade adulta é um período onde formas novas e adaptativas de mudanças estruturais ocorrem, embora não "negue que certas mudanças regressivas podem não ser um concomitante de idade adulta e velhice" (p. 158). Chama atenção para o fato de que adaptação não é feita uma única vez mas que sua natureza intrínseca envolve trocas, que "adaptação especializada num contexto pode implicar falha em se adaptar noutra contexto" (p. 158).

A abordagem da transição é apresentada por Lowenthal et al. (1975). Eles conduziram um estudo longitudinal envolvendo quatro grupos de mulheres e homens de São Francisco, Califórnia, que se encontravam em quatro períodos de transição: (a) terminando a escola de 2^o grau, (b) recém-casados, (c) pais na idade madura, e (d) casais em idade de aposentadoria. Os defensores desta abordagem argumentam que, na tentativa de se adaptar aos vários estresses que ocorrem durante o curso de vida, os indivíduos devem lidar com seus recursos, bem como com suas deficiências. Os achados provenientes do acom-

panhamento destes quatro grupos de indivíduos indicaram que estágios de vida são mais importantes do que idade cronológica e justificam este ponto pela afirmação de que para a ocorrência de sentimentos de satisfação e insatisfação um importante fator não foi idade em si, mas o fato de o sujeito ter uma determinada idade e, em adição, ter crianças adolescentes, ou ter 50 anos de idade e ter-se divorciado recentemente.

Finalmente, um modelo que analisa adaptação humana à transição é apresentado por Schlossberg (1981). Esse modelo também leva em conta a importância do curso de vida e foi influenciado pelo trabalho de Lieberman (1975), Lipman-Blumen (1976), Lowenthal et al. (1975), Parks (1971) e Zill (1974). Representa uma tentativa de fornecer um quadro de referência no qual transições positivas e negativas, dramáticas ou não, possam ser examinadas, analisadas e possíveis intervenções possam ser formuladas. Schlossberg considera que três grupos de fatores interagem e produzem adaptação ou falha de adaptação: Os conjuntos de fatores são os seguintes:

1. As próprias características da transição:

- troca de papel (ganho/perda)
- afeto (positivo/negativo)
- fonte de transição (interna/externa)
- tempo (em tempo/fora de tempo)
- duração (permanente/temporária/incerta)
- grau de stress.

2. As características dos suportes sociais anteriores e posteriores à transição.

3. As características do indivíduo, incluindo:

- competência psicossocial
- Sexo e identificação sexual
- idade e estágio de vida
- condições de saúde
- situação sócio-econômica
- orientação de valores
- experiência prévia com transição de natureza

similar

Schlossberg utiliza o termo transição em lugar de crise, afirmando que transição ocorre:

“quando um evento ou sua ausência resulta numa mudança de pressuposições sobre si mesmo e o mundo, requerendo, assim, uma mudança correspondente no comportamento e/ou nas relações sociais do indivíduo” (1981, p. 5).

Outro elemento usado como conceito chave neste modelo é o termo **adaptação**. Hopson (1981) critica o uso deste termo, dizendo que há “uma variedade de respostas à transição, abrangendo desde as respostas em que há ausência de adaptação àquelas em que a resposta adaptativa é efetiva” (p. 37). Para esclarecer esse aspecto, Schlossberg cita Moss e Tsu, que afirmam “uma transição pode fornecer tanto sua oportunidade para crescimento psicológico quanto pode dar lugar a uma deteriorização psicológica” (1976, p. 13; apud Schlossberg).

Após esta breve apresentação de algumas abordagens sobre desenvolvimento adulto, em que todas enfatizam que na idade adulta também ocorrem mudanças, consideraremos brevemente dados referentes a estudantes estrangeiros.

TRANSIÇÃO ADULTA E ESTUDANTES ESTRANGEIROS

Trabalhos empíricos que consideram a adaptação humana parecem indicar que a habilidade de se adaptar à transição difere em cada indivíduo e que o mesmo indivíduo pode reagir diferentemente em diferentes fases do ciclo de vida. Como diz Schlossberg, “para uma pessoa, uma mudança geográfica pode representar uma grande oportunidade; para outra, pode significar uma perda de suporte e identidade” (1981, p. 2), ou, como foi ilustrado num exemplo de um adulto que experienciou mobilidade geográfica, “alguma coisa mudou na maneira como ele se via, e ele não estava mais desejando se adaptar a essa transição” (1981, p. 3).

A situação do estudante estrangeiro “fornece um exemplo de uma população que tem de aprender uma grande

variedade de papéis culturalmente definidas e tipicamente não familiares, num curto período de tempo, sob condição de considerável stress" (Pedersen, 1980, p. 298).

A condição de estrangeiro parece implicar a confrontação com um processo que tem uma variedade de peculiaridades, uma série de transições, começando com a seleção terminando como o retorno ao país de origem. Esta condição parece exigir muito do indivíduo, desenraizando-o tanto no seu ajustamento frente à sociedade em que vive provisoriamente, quanto ao seu retorno ao seu país de origem, quando, sem dúvida, novas mudanças, terão de ser confrontadas (Gama e Pedersem, 1977).

OBJETIVO

O objetivo deste artigo é o de analisar dados obtidos de um grupo de estudantes brasileiros estudando pós-graduação nos Estados Unidos à luz do modelo teórico apresentado por Schlossberg. Embora existam vários modelos para a análise dos dados apresentados, o modelo de Schlossberg foi escolhido, porque (a) fornece o que Gould denomina: "um quadro de referência quase completo" (1981, p. 44) e (b) integra elementos chaves que foram considerados por outros pesquisadores em seus respectivos modelos. Adotando este modelo, sexo e idade dos estudantes são considerados como variáveis antecedentes e se lidará com dois tipos de medidas dependentes: (a) resposta às questões abertas com relação a mudanças percebidas na perspectiva de vida do indivíduo, e (b) auto-relato referente aos problemas de adaptação à vida diária no país anfitrião. De acordo com Schlossberg, pode-se considerar o primeiro aspecto como algo característico ao próprio processo de transição, o segundo como uma combinação do segundo e terceiro elementos do modelo proposto, a saber, características do ambiente anterior e do ambiente atual, isto é, sistemas de suporte interno, por exemplo, e algumas características do indivíduo, (isto é, sexo e idade). As questões abertas incluem tópicos

relacionados às mudanças no indivíduo que são relacionadas às vivências de morar num país estrangeiro e como estas mudanças afetarão o indivíduo após seu retorno ao Brasil. Os relatos consistem em pontuações relacionadas a preocupações do dia-a-dia, tais como contatos sociais, situação doméstica, vida acadêmica, situação financeira e contatos com a burocracia brasileira.

METODOLOGIA

Os dados aqui referidos fazem parte de um estudo anônimo feito via correio pelo segundo autor entre estudantes brasileiros na Alemanha Ocidental, Canadá, Estados Unidos, França e Grã-Bretanha, (Günther, 1985). O principal foco do estudo foi a relevância percebida de estudar no exterior para o futuro trabalho. Este artigo considera dados selecionados do ponto de vista de uma psicologia do desenvolvimento interessada em questões como:

1. Como os indivíduos diferem ao enfrentar as transições associadas ao fato de serem estudantes estrangeiros ?
2. Há problemas de Adaptação ? Em caso afirmativo, quais ?
3. Há alguma relação entre sexo/idade e os problemas de adaptação percebida ?
4. Quais as percepções existentes com relação a mudanças de vida ?
5. Que outras questões poderíamos levantar e tentar responder ?

SUJEITOS

Um total de 534 estudantes brasileiros de várias instituições de educação superior nos Estados Unidos responderam ao survey. A tabela 1 apresenta a distribuição por sexo e grupo de idade para os 529 indivíduos que responderam a estas questões.

TABELA 1

Distribuição dos Respondentes por Grupo de Idade e Sexo

Sexo	Grupos de Idade	Distribuição dos Respondentes por Grupo de Idade e Sexo							Total
		< 24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	50 +	
Feminino	N	8	30	41	23	11	4	5	122
	Coluna %	28.6	21.9	20.7	22.5	26.2	28.6	62.5	23.1
	Linha %	6.6	24.6	33.6	18.9	9.0	3.3	4.1	
Masculino	N	20	107	157	79	31	10	3	407
	Coluna %	71.4	78.1	79.3	77.5	73.8	71.4	37.5	76.9
	Linha %	4.9	26.3	38.6	19.4	7.6	2.5	7	
Total	N	28	137	198	102	42	14	8	529
	Linha %	5.3	25.9	37.4	19.3	7.9	2.6	1.5	

Para a análise das respostas abertas, uma seleção aleatória dos sujeitos foi feita de maneira a conseguir o máximo de respondentes em cada célula, resultando em 122 respostas analisadas.

PROCEDIMENTO

O estudo foi conduzido em duas fases. Durante a primeira fase, o início de 1980, foram distribuídos questionários através dos setores de apoio ao aluno estrangeiro de 63 universidades que tinham 10 ou mais estudantes brasileiros durante o ano escolar de 1978/1979 de acordo com informação fornecida pelo Instituto de Educação Internacional (IIE). Na base da informação fornecida pelo IIE, bem como dos setores de apoio ao estudante estrangeiro que cooperaram, estima-se que aproximadamente 1160 questionários foram distribuídos e, dentre os que retornavam, 305 eram analisáveis. A segunda fase, conduzida aproximadamente 9 meses após, utilizou listas de endereços fornecidas pela CAPES e CNPq, conseguindo-se mais 229 respostas.

RESULTADOS

Questões Abertas

A primeira parte da análise dos resultados lida com as respostas a duas questões abertas, a saber:

1. Considerando sua vivência no exterior, em que aspectos você acredita que se modificou ?

2. De que maneira você acredita que estas modificações lhe afetarão, quando de sua volta ao Brasil ?

A análise do conteúdo das 122 respostas revelou uma amplitude de mudanças referidas, incluindo as seguintes mudanças:

- profissional
- pessoal
- profissional e pessoal
- pessoal e profissional
- pessoal com um sentimento crescente de identidade nacional
- profissional com um sentimento crescente de identidade nacional
- relato de nenhuma mudança
- intenção explícita de não passar por nenhuma mudança
- sem resposta

Um sumário das respostas à primeira questão "de que maneira você pensa que pode ter mudado" é apresentado na Tabela 2.

Uma pequena amostra dos comentários que estão classificados na Tabela 2 serão apresentados a seguir com o intuito de mostrar o tipo de resposta encontrado (a) melhor compreensão de educação e pesquisa (F, 50+); (b) melhores idéias sobre pesquisa médica, seus objetivos e importância (M, 40-44); (c) Aprendi a viver mais independentemente e a ser mais auto-suficiente (F, 35-39); (d) Agora olho para meu tra-

TABELA 2

Considerando sua vivência no exterior, em que aspectos você acredita que se modificou ?

Grupo de idade	Sexo	Área de mudança mais relevante relatada
50 +	F M	Profissional
45-49	F	Pessoal e Profissional
	M	Profissional
40-44	F M	Profissional
35-39	F M	Pessoal
30-34	F	Pessoal
	M	Profissional e Pessoal
25-29	F M	Profissional e Pessoal
< 24	F M	Pessoal

balho acadêmico como parte de minha vida privada (M, 35-39); (e) aumentei meu conhecimento acadêmico bem como meu conhecimento social (F, 25-29); (f) Modo de vida e conhecimento técnico específico a minha área (M, 25-29); (g) ampliação dos meus horizontes pessoais que me levaram a dar mais clareza sobre o que é o Brasil bem como sua situação no mundo (M, < 24); (h) nenhuma mudança relevante (F, 30-34); (i) nenhuma mudança digna de nota (M, 25-29); (j) nenhuma mudança relacionada a assuntos sociais e humanos, nem na minha rotina de vida e eu não quero qualquer mudança dessa natureza (M, 30-34).

Um sumário das 122 respostas à segunda questão "Como estas mudanças afetarão sua vida" é apresentado na Tabela 3.

Os seguintes comentários são novamente apresentados como exemplo das afirmações relacionadas na Tabela 3:

(a) Meu trabalho profissional será mais produtivo (F, 45-49); (b) Darei mais atenção à pesquisa (M, 45-49); (c)

TABELA 3

De que maneira você acredita que estas modificações lhe afetarão, quando da sua volta ao Brasil ?

Grupo de idade	Sexo	Área de mudança mais relevante relatada
50 +	F M	Profissional
45-49	F M	Profissional
40-44	F M	Profissional
35-39	F	Profissional
	M	Profissional e Pessoal
30-34	F	Pessoal
	M	Profissional
25-29	F M	Profissional e Pessoal
< 24	F	Pessoal
	M	Profissional

Penso que as mudanças que experimentei me ajudarão muito, porque, comparando antes e depois, a grande diferença consiste na confiança que tenho em mim mesmo agora (F, 40-44); (d) exercerei liderança com mais auto-confiança e de maneira mais científica (M, 40-44); (e) Melhor conhecimento global, melhor identificação dos problemas e melhor capacidade de resolvê-los positivamente, melhor habilidade em relações humanas (F, 35-39); (f) mais experiência para avaliar problemas (M, 35-39).

RESULTADOS DAS ESCALAS DE ATITUDE

A segunda questão considerada neste artigo refere-se a auto-relatos relacionando problemas de adaptação a vida diária no país anfitrião. A questão indaga:

Considerando o período atual, indique, numa escala de 0 – sem nenhum problema a 10 – com grandes problemas como você se sente com referência aos seguintes aspectos da vida no exterior ?

Seguiam-se 21 itens referentes a vários aspectos da vida diária. Com base em uma análise fatorial, os itens foram classificados de acordo com os seguintes grupos: (a) contatos sociais; (b) situação doméstica; (c) vida acadêmica; (d) situação financeira; e (e) burocracia brasileira. A seguir consideraremos cada uma dessas dimensões. Para cada um dos 21 itens foi computada uma análise de variância usando sexo e grupo de idade como variável antecedente. Um sumário dos resultados da ANOVA é apresentado na Tabela 4.

Contatos Sociais. Itens considerados neste tópico lidaram com (a) contatos com os vizinhos, (b) amigos e contatos sociais, (c) adaptação cultural, e (d) contatos com colegas, isto é, colegas do país anfitrião. Como pode ser visto na Tabela 4, há diferenças significativas entre os respondentes masculinos e femininos, com relação a contatos com vizinhos, no sentido de que os respondentes do sexo feminino referem menos problemas. Com respeito a amigos e adaptação cultural, diferenças significativas foram encontradas entre grupos de idade, no sentido de que especialmente o grupo mais velho referiu maior número de problemas. Não se encontrou nenhuma diferença com relação a contatos com colegas do país anfitrião.

Situação Doméstica. Os itens deste tópico lidavam com: (a) comida, (b) rotina doméstica, (c) escola para crianças e (d) situação do(a) esposo(a). Diferenças significativas foram encontradas entre grupos de idade com relação à alimentação e escolas para crianças, no sentido de que respondentes mais velhos referem mais problemas com alimentação, enquanto foram os grupos mais jovens e mais velhos que indicaram maiores problemas com relação à situação escolar de seus filhos. Adicionalmente um efeito interativo significativo foi observado com relação à alimentação, no sentido de que, em geral, há referência a problemas com alimentação entre homens mais velhos e mulheres mais jovens.

Vida Acadêmica. Os itens relacionados neste tópico consideraram: (a) hábitos de estudo, (b) contatos com colegas brasileiros, e (c) contatos com colegas de outros países estran-

TABELA 4

Sumário dos Resultados das Anovas

Variáveis Dependentes	Variáveis Antecedentes					
	Sexo		Idade		Interação	
	F	P	F	P	F	P
Fator: Contatos Sociais						
Vizinhos	5.82	.02	< 1		1.37	.24
Amigos	< 1		3.53	.00	< 1	
Adaptação Cultural	< 1		3.49	.00	1.43	.21
Colegas do País Anfitrião	< 1		< 1		1.13	.34
Fator: Situação Doméstica						
Comida	< 1		2.48	.03	2.71	.02
Rotina Doméstica	1.09	.30	1.16	.33	2.10	.07
Escolas para Crianças	< 1		2.28	.05	1.67	.14
Situação do Cônjuge	< 1		< 1		1.91	.10
Fator: Vida Acadêmica						
Hábitos de Estudo	9.72	.00	1.33	.26	1.43	.22
Colegas do Brasil	2.38	.13	< 1		1.91	.10
Colegas de outros países	< 1		< 1		2.29	.05
Fator: Situação Financeira						
Moradia	1.08	.30	1.48	.20	2.22	.05
Assistência Médica	< 1		2.31	.04	< 1	
Situação Financeira	1.46	.23	1.27	.28	1.38	.23
Exigências Burocráticas						
Universidade Anfitriã	< 1		2.31	.04	1.57	.17
País Anfitrião	< 1		2.28	.02	< 1	
Fator: Burocracia Brasileira						
Exigências Burocráticas do Brasil						
Local de Trabalho	< 1		< 1		< 1	
Outras	< 1		< 1		1.19	.31
Procurador	< 1		3.66	.00	3.82	.00

geiros. Como se vê na Tabela 4, há diferença significativa entre respondentes do sexo masculino e feminino com respeito a hábitos de estudo no sentido de que as respondentes do sexo feminino referiam experimentar consideravelmente mais problemas. Com relação a contatos com colegas de outros países estrangeiros, um efeito interativo significativo foi observado no sentido de que, descontando os grupos de idade extrema, os indivíduos na faixa dos 30 aos 40 referiam menos problemas entre os pertencentes ao sexo feminino e mais problemas entre os pertencentes ao sexo masculino. Constatam-se relativamente menos problemas com respeito aos contatos com colegas brasileiros, mas verificou-se também que não havia diferença entre os vários grupos.

Situação Financeira. Os itens compreendidos neste tópico consideravam os seguintes aspectos: (a) habitação, (b) cuidados de saúde, (c) finanças, (d) exigências burocráticas da universidade anfitriã, e (e) outras exigências burocráticas do país anfitrião. Como pode ser visto na Tabela 4, há diferenças significativas de idade com respeito a cuidados médicos e as duas questões sobre exigências burocráticas. Os resultados indicaram que, com o aumento da idade, mais problemas foram referidos nestas áreas. Um efeito interativo quase significativo foi observado com respeito à habitação, embora nenhuma conclusão consistente possa ser feita a partir destes resultados.

Burocracia Brasileira. Três itens foram considerados sobre este tópico: (a) exigências burocráticas por parte do empregador brasileiro, (b) outras exigências burocráticas do Brasil, e (c) procurador. Em contraste notável com a análise de exigências burocráticas do país anfitrião, não há diferenças significativas com referência às exigências burocráticas do país de origem. Entretanto, com referência ao procurador, diferenças significativas foram encontradas entre diferentes grupos de idade, no sentido de que estudantes mais velhos referiam maiores problemas. Além do mais, um efeito interativo significativo foi observado no sentido de que entre os sujeitos mais velhos do sexo

feminino observou-se uma tendência para referir menos problemas, enquanto entre os sujeitos masculinos mais velhos constatou-se uma tendência para referir mais problemas com o produtor.

DISCUSSÃO

Os dados aqui apresentados demonstram claramente que a adaptação de estudantes estrangeiros ao país anfitrião pode ser conceitualizada em termos de adaptação humana à transição. De acordo com o modelo de adaptação à transição selecionado para analisar os dados, a maioria das transições pode ser diferenciada pela utilização de um conjunto de variáveis comuns, tal como mudança de papéis, afeto, fonte, tempo, início, duração e grau de stress. Isto nos levará ao primeiro elemento do modelo, ou seja, às características de transição. A existência de mudança de papéis é explicitada na maioria das respostas. Embora não seja o objetivo deste artigo distinguir entre mudanças que envolvem ganhos ou perdas, é notável verificar a incidência das respostas às questões abertas com referência aos ganhos ou perdas relacionados às mudanças vivenciadas pelos indivíduos, bem como sob seus efeitos após o retorno ao país de origem. Sem dúvida, a menção a algum grau de stress se fazia presente, implícita ou explicitamente. Com relação a afeto, foi comum encontrar na resposta tanto afeto positivo quanto negativo. Afetos positivos estavam relacionados à evidência de que o indivíduo adquiriu mais independência, auto-realização e crescimento pessoal, ao mesmo tempo que ocorrem sentimentos negativos sobre as exigências gerais das situações. Com relação as fontes de transição, o modelo hipotetiza que a adaptação à transição é mais facilmente conseguida quando o locus de controle é percebido como interno do que quando é percebido como externo. Considerando que a questão, aqui refere-se ao controle percebido sobre a própria vida, a decisão deliberada em termos de objetivo que deve alcançar por parte do indivíduo parece levar a uma adaptação menos conflitiva à transição. Considerando tempo, foi claro que a noção de Neugarten

(1977, p. 34) que os adultos constroem relógios sociais pelos quais o próprio indivíduo arbitra se ele/ela está em tempo, fora do tempo. As respostas do grupo de mais idade (mais do que 50 anos) e menos idade (menos de 24 anos) apresenta evidência deste aspecto. Indivíduos do primeiro grupo comentaram frequentemente "Eu vim cá muito velho" ou "Se eu tivesse tido algum conselho antes, minha carreira seria diferente". O comentário mais notável no grupo de idade mais jovem foi "Eu não sei mais como se escreve corretamente em português". A questão aqui está relacionada ao sentimento de ser desviante do grupo. Considerando o início, isto é, se este é gradual ou súbito, pode-se argumentar que, nos casos apresentados aqui, o início pode ser considerado gradual, porque é o resultado de uma decisão deliberada e, neste sentido, a adaptação é mais fácil, de vez que o indivíduo teve tempo de se preparar para a mudança. Os dados parecem indicar que preparação adequada da língua ajudam a diminuir o stress de estudar num outro país.

Considerando a duração, quando o período de afastamento do país de origem não é definido, sentimento de desprazer emerge dos dados. Estes achados parecem estar em concordância com o comentário de Schlossberg de que "talvez o maior grau de stress e afeto negativo seja conectado com incerteza" (1981, p. 9).

A última característica da transição a ser considerada de acordo com o modelo proposto refere-se ao grau de stress envolvido, o qual é "em certa medida dependente das características já descritas" (1981, p. 9). O modelo parece indicar que mudança ou transição, não obstante, seja percebida como ganho ou perda, positiva ou negativa causa algum stress. Como foi mencionado anteriormente, comentários sobre o grau de stress estiveram sempre presentes, e como Schlossberg apontou "facilidade de adaptação à transição depende da avaliação realista ou não entre recursos e déficits". Os dados fornecidos pela A NOVA podem ser vistos como específicos às diferentes fontes de Stress que os sujeitos desta pesquisa confrontaram em seu

esforço para se adaptar a um país estrangeiro. Destes achados emerge claramente que diferentes fatores têm diferentes saliências, dependendo do tipo de transição vivenciada e do sub-grupo de indivíduos estudado.

ABSTRACT

ADULT DEVELOPMENT AMONG BRAZILIAN STUDENTS IN THE USA:

SEARCH FOR A MODEL

In contrast to previous approaches to human development that suggest that it ends with adolescence, six theories focussing on (a) chronological age, (b) stage, (c) individuality, (d) life-span, (e) transition, and (f) an eclectic model offered by Schlossberg (1981), are considered. As an example, data gathered from a group of Brazilian students studying for advanced degrees in the USA are analyzed in light of this latter theoretical model. Utilizing mail survey data, responses to open ended questions regarding perceived changes in the individuals' outlook on life, as well as self reports regarding problems of adaptation to various aspects of the daily life in the host country were analyzed. Schlossberg's model did prove useful as a framework to conceptualize the situation of foreign students in a host country in terms of adult human adaptation to transition and to point to the different sources of stress confronted by the students.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BALTES, P. B., REESE, H. W., e NESSELROADE, J. R. (1977). *Life-span developmental psychology: Introduction to research methods*. Monterey, CA: Brooks/Cole.

- BALTES, P. B. (1979). Life-span developmental psychology: Some converging observations on history. Em P. B. Baltes e O. G. Brim, Jr. (Org.). **Life-span development and behavior** (vol. 2). New York: Academic Press.
- BRIM, O. G., Jr., e KAGAN, J. (1980). Constancy and change: A view of the issues. Em O. G. Brim, Jr. e J. Kagan (Org.). **Constancy and change in human development**. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- ERICKSON, E. (1963). **Childhood and society**. New York: Norton.
- GAMA, E. M. P. e Pedersen, P. (1977). Readjustment problems of Brazilian returnees from graduate study in the United States. **International Journal of Intercultural Relations**, 1(4), 46-59.
- GOULD, R. L. (1978). **Transformations: Growth and change in adult life**. New York: Simon e Schuster.
- GOULD, R. L. (1981). Discussion of Schlossberg/Brammer-Abrego papers. **The Counseling Psychologist**, 9(2), 44-46.
- GÜNTHER, H. (1985). Exeqüilidade dos estudos no exterior: Uma comparação interdisciplinar e internacional. **Ciência e Cultura**, 37(3), 394-405.
- GÜNTHER, H. (submetido à publicação). Brazilian students abroad: Perceptions regarding the applicability of study abroad to home country needs.
- HOPSON, B. (1981). Response to the papers of Schlossberg/Brammer and Abrego. **The Counseling Psychologist**, 9(2), 36-39.
- HURLOCK, E. B. (1968). **Developmental psychology** (3rd ed.). New York: McGraw-Hill.
- KALISH, R. B. (1982). **Late adulthood: Perspectives on human development** (2nd ed). Monterey, CA: Brooks/Cole.
- LABOUVIE-Vief, G. (1980). Beyond formal operations: Use and limits of pure logic in life-span development. **Human Development**, 23, 141-161.

- LEVINSON, D. J., DARROW, C. N., KLEIN, E. B., LEVINSON, M. G., e MCKEE, B. (1977). Periods in the adult development of men: Ages 18 to 45. Em N. K. Schlossberg e A. D. Entine (org.), **Counseling adults**. Monterey, CA: Brooks/Cole.
- LEVINSON, D. J., DARROW, C. N., KLEIN, E. B., LEVINSON, M. G., e MCKEE, B. (1978). **The seasons of a man's life**. New York: Knopf.
- LIEBERMAN, M. A. (1975). Adaptive processes in late life. Em N. Datan e L. H. Ginsberg (org.). **Life-span developmental psychology**. New York: Academic Press.
- LIPMAN-BLUMEN, J. A. (1976). A crisis perspective on divorce and role change. Em J. R. Chapman e M. Gates (org.). **Women into wives: The legal and economic impact of marriage**. Sage Yearbook in Women's Policy Studies, Vol. 2, Beverly Hills, CA: Sage.
- LOWENTHAL, M. F. e CHIRIBOGA, D. (1975). Responses to stress. Em M. F. Lowenthal, M. Thurnher, e D. Chiriboga (org.). **Four stages in life: A comparative study of women and men facing transitions**. San Francisco: Jossey-Bass.
- MOOS, R. H., e TSU, V. (1976). Human competence and coping: An overview. Em R. H. Moos (org.). **Human adaptation: Coping with life crises**. Lexington, MA: Heath.
- NEUGARTEN, B. L. (1968). Adult personality: Toward a psychology of the life cycle. Em B. L. Neugarten (org.). **Middle age and aging**. Chicago: University of Chicago Press.
- PARKES, C. M. (1971). Psycho-social transitions: A field for study. **Social Science and Medicine**, (vol. 5). London: Pergamon.
- PEDERSEN, P. B. (1980). Role learning as a coping strategy for uprooted foreign students. Em G. V. Coelho e P. I. Ahmed (org.). **Uprooting and development**. New York: Plenum.

- SCHLOSSBERG, N. K (1981). A model for analyzing human adaptation to transition. *The Counseling Psychologist*, 9(2), 2-18.
- STEVENS-LONG, J. (1979). *Adult life – developmental processes*. Palo Alto, CA: Mayfield Publishing Comp.
- TROLL, L. E. (1975). *Early and middle adulthood*. Monterey, CA: Brooks/Cole.
- VAILLANT, G. E. (1977). *Adaptation to life*. Boston: Little, Brown.
- ZILL, N. (1974). *Developing indicators of effective life management*. Paper presented at the Urban Regional Information Systems Association meeting, Washington. (apud Schlossberg, 1981).